

18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)
Grupo de Trabalho 27: Desigualdades e Estratificação: analisando
sociedades em mudança

Renda e vergonha: dimensões psicossociais da pobreza

Priscila Pereira Santos
Ana Cristina Murta Collares
Universidade de Brasília

Resumo

As principais questões que norteiam esse artigo são: quais fatores além da renda estão associados ao sentimento de vergonha da renda nos indivíduos? Quais as consequências da vergonha da renda em termos de bem estar? Para responder tais questões propõe-se uma análise quantitativa dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade que teve como principal objetivo a elaboração de um conjunto de indicadores que possibilitem a compreensão do processo de desigualdade e de mobilidade social no Brasil.

Vergonha e pobreza

A abordagem de Simmel oferece um quadro analítico interessante para analisarmos a percepção do indivíduo acerca da sua condição de pobreza. O autor manifesta uma visão sociológica da pobreza destacando a construção social dessa categoria. Os pobres segundo essa perspectiva seriam definidos como tal a partir de sua inclusão nos sistemas de assistência social. Simmel afirma que a “pobreza não pode ser definida como um estado quantitativo em si mesmo, mas tão somente a partir da reação social que resulta dessa situação específica” (SIMMEL, 2002, p. 32).

Nota-se a centralidade dada pelo autor às dimensões relacionais e os aspectos mais sociológicos subjacentes à construção social da pobreza. Na caracterização das condições de pobreza estão presentes “elementos simbólicos de natureza subjetiva, relacionados à discussão clássica da sociologia sobre a constituição e manutenção da ordem social (identidade, valores e crenças, normas e padrões sociais)” (BRONZO, 2005 p.126).

É conveniente destacar que considerar a subjetividade como elemento importante para a compreensão da pobreza significa dizer que, nas situações de carência, estão envolvidos aspectos relativos a valores, condutas e atitudes, que acabam por reforçar a manutenção de situações de vulnerabilidade e destituição (RACZINSKY, 2002).

Amartya Sen (2000) argumenta que a pobreza tem tanto aspectos materiais como sociais. O autor considera a capacidade de viver a vida sem vergonha como uma variável nuclear para a compreensão do fenômeno da pobreza, a privação material incide também em vergonha de aparecer em público e de participar integralmente da vida em comunidade.

Walker (2014) argumenta que a pobreza e a vergonha se entrecruzam de modo que exacerba a dureza das condições de vida, o autor aponta que mulheres e crianças estão mais vulneráveis a esse processo. Em estudo realizado em sete lugares do mundo (Uganda, Índia, China, Paquistão, Coréia do Sul, Gra-Bretanha e Noruega) o autor conclui que a vergonha associada à pobreza é presente em todas as sociedades e é reforçada pela prestação de proteção social.

Walker (2014) aponta que a vergonha associada à pobreza é uma ferida psicológica que pode nunca se curar, o autor identifica em seu estudo falas de pessoas que relatam as constantes dores, humilhações e constrangimentos a que são submetidos. São narradas também uma série de estratégias que essas pessoas se utilizam para evitar essas situações e manterem as aparências de que tudo está bem, entre essas estratégias está a tomada de empréstimos que muitas vezes se transformam em dívidas impagáveis. Outra estratégia utilizada é evitar situações que possam expor as condições de privação que o sujeito vive o que pode levá-lo a evitar momentos de convivência com amigos, parentes ou até mesmo a comunidade em que ele esta inserido. O autor destaca que, nesse processo, a vergonha pode levar as pessoas a depressão, ao abuso de drogas e até mesmo ao suicídio.

Um elemento fundamental para a compreensão da relação pobreza vergonha é a natureza concorrencial do sistema capitalista. O processo competitivo típico do capitalismo separa os indivíduos em vencedores e perdedores tendo como base para essa avaliação a quantidade de riqueza material que esses possuem. Essas avaliações, quer favoráveis ou desfavoráveis, proporcionam uma base para a formação de relações sociais e hierarquias (Barkow, 1989; Gilbert, 1998) ordenando os indivíduos de acordo com seu status econômico.

Desse modo, a posse de bens materiais torna-se não apenas um sinal de status, mas uma fonte de auto-orgulho, já a pobreza por outro lado torna-se fonte de vergonha em um contexto em aqueles que estão nessa condição nela chegaram através de suas próprias inadequações. A noção de mobilidade social sustenta esse processo dado que postula que a sociedade é aberta e que aqueles que se esforçam são capazes de melhorar a sua condição de vida (Gilbert, 1998).

Entretanto, como destaca Lister (2004) na sociedade em que a estrutura de classes se consolida a desigualdade social permanece de modo que os vencedores continuam a ser vencedores assim como os seus filhos, já os perdedores permanecem perdedores o que ocorre também com a sua prole.

Adicionalmente, uma característica marcante da sociedade capitalista é a sua propensão a celebrar e exacerbar a diferença entre as pessoas durante todo o seu processo competitivo, criando assim uma distância emocional entre os indivíduos. Essa diferenciação fica visível quando observamos aqueles que possuem os “melhores” empregos, os maiores níveis de rendimento e educação, melhores condições de habitação etc (Wilkinson e Pickett, 2010).

Outro elemento importante a se considerar para o entendimento da relação pobreza e vergonha refere-se ao discurso social predominante, essas falas carregam em si influências sociais, políticas, culturais e econômicas que se tornam verdades e até mesmo normas regulamentadoras. (Foucault, 1975, 2001; Bernstein, 1990; Butler, 1990). É importante destacar que o discurso dominante em relação à pobreza muitas vezes é construído por aqueles que não vivem em condição de pobreza (Lister, 2004). Assim a ligação entre vergonha e pobreza emerge não dos indivíduos em situação de pobreza, mas do discurso dominante refletindo a sociedade que envergonha aqueles que estão sujeitos a ela.

Lister (2004) destaca ainda que quando a privação financeira converge com outros atributos socialmente estigmatizantes tais como raça, desemprego, ser mãe solteira etc, a distância entre aqueles que atendem as expectativas sociais e aqueles que a frustram ampliam ainda mais o sentimento de vergonha. Esse argumento converge com o trabalho de Howard (1995) que propõe que as mulheres e os negros são mais propensos a ter vergonha de si mesmos em razão da valorização do sexo masculino e de pessoas de pele branca.

Dados e métodos

Os dados utilizados neste estudo advêm da Pesquisa das Dimensões Sociais das Desigualdades (PDSD). Esse levantamento foi realizado em 2008 com amostra probabilística, representativa para todo o Brasil com desenho bastante similar ao da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A PSDS coletou

dados em 8.048 domicílios brasileiros com questões distribuídas em conjunto amplo de dimensões, a saber: mercado de trabalho, saúde, percepções acerca de justiça, comportamento político, experiência discriminatória, avaliação das condições de vida dentre outras questões. Além desses aspectos foram captadas variáveis sociodemográficas e informações acerca da caracterização dos domicílios e seus moradores.

Conveniente destacar que algumas questões foram respondidas apenas pelos chefes do domicílio ou pelo chefe e o cônjuge. O módulo que avalia as condições de vida, por exemplo, onde está inserida a questão acerca da vergonha de renda, é respondido apenas pelo chefe do domicílio. Na pergunta que se refere especificamente a vergonha da renda, os entrevistados foram questionados sobre o seu sentimento acerca da sua condição financeira, nesse caso os entrevistados avaliaram em uma escala de um (1) a quatro (4) (na qual 1 significa concordo totalmente e 4 significa discordo totalmente) a seguinte afirmação: “Tenho vergonha da minha renda”.

Na base de dados essa variável foi tratada para ser transformada em uma variável dicotômica que assumiu os valores de 0 e 1. Aqueles que responderam 1 (concordo totalmente) e 2 (concorda em parte) foram recategorizados como 1, ou seja, foram considerados como tendo vergonha da renda. Já aqueles que responderam 3 (discorda em parte) e 4 (discorda totalmente) foram recategorizado como 0, isto é, não declararam ter vergonha da sua renda.

Em outra bateria de perguntas os indivíduos avaliaram a frequência com que vivenciaram experiências de discriminação e tratamento desrespeitoso utilizando uma escala de 1 a 5, na qual 1 (um) significa sempre e 5 (cinco) significa nunca. Essas questões foram tratadas por meio da técnica de análise fatorial com vistas a tornar possível a captação dos construtos latentes a essas variáveis. Essas dimensões foram reduzidas em um único fator, que buscou descrever a experiência de discriminação e tratamento desrespeitoso.

Segundo King (2001, p.682) a função primordial das diversas técnicas de análise fatorial é reduzir um grande número de variáveis a um número menor de fatores. A análise fatorial é o método que permite investigar a dependência de um conjunto de variáveis manifestas em relação a um número menor de variáveis (Moraes, Abiko, 2006).

É importante também registrar aqui a variável que foi utilizada para classificar os chefes de domicílio como pobres e não pobres. A base de dados da PDSO originalmente conta com a variável renda domiciliar *per capita* obtida pela soma dos rendimentos dos moradores do domicílio dividida pelo total de moradores. Para a análise realizada aqui utilizaremos essa variável que foi recodificada em 0 (não pobres) e 1 (pobres), o valor de corte adotado foi de R\$123.80 em razão de ser esse o valor da linha de pobreza adotado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2008.

Resultados

A unidade de análise são os chefes de domicílio que responderam tanto a bateria que investigava a avaliação das condições de vida como questões acerca da experiência de tratamento desrespeitoso. Apresentar em linhas gerais o perfil dos sujeitos que são objeto da análise realizada aqui é um passo importante para a compreensão das questões colocada nesse estudo. Variáveis tais como, sexo, idade, raça, escolaridade e situação de ocupação são informações relevantes para contextualizar as percepções a serem identificadas aqui.

Tabela 1-Sexo do chefe do domicílio

Sexo	Não-pobres		Pobres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Masculino	3871	63,5	707	60,3	5066	62,9
Feminino	2227	36,5	466	39,7	2982	37,1
Total	6098	100	1173	100	8048	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Observando o total de chefes de domicílio é possível perceber que eles são predominantemente do sexo masculino (62,9%), com idade média de 50,6 anos. Os chefes mais jovens tinham 15 anos e os mais velhos 97 anos, representando apenas 0,0037% do total, sendo a moda 50 anos de idade. Centrando a atenção naqueles chefes categorizados como pobres é possível perceber que o percentual do sexo feminino é maior nesse grupo (39,7%) do que no grupo de não pobres (36,5%), já a idade média dos chefes de domicílio no grupo de pobres é menor 45,7 anos (Tabelas 1 e 2).

Tabela 2-Idade do chefe do domicílio

	Não pobres	Pobres	Total
N	6097	1173	8047*
Média	51,33	45,71	50,57
Mediana	51	44	50
Moda	50	35	50
Mínimo	15	16	15
Máximo	97	97	97

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

*Esse valor é superior a soma do número de pobres e não pobres porque no banco de dados existem indivíduos que não declararam renda e assim não puderam ser categorizados entre pobres e não pobres.

Tabela 3-Cor/raça do chefe do domicílio

	Não-pobres		Pobres		Total	
	N	%	N	%	N	%
Branca	2830	46,4	326	27,8	3521	43,8
Preta	694	11,4	183	15,6	980	12,2
Parda	2391	39,2	613	52,3	3291	40,9
Amarela	65	1,1	20	1,7	98	1,2
Indígena	117	1,9	31	2,6	157	1,9
Total	6097	100	1173	100	8047	0

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

No que se refere a variável raça/cor (Tabela 3), do total de chefes 43,8% se declararam brancos, 12,2% pretos e 40,9% pardos e o percentual de amarelos e indígenas foi 1,2% e 1,9% respectivamente. Observando o grupo de chefes de domicílios pobres, 27,8% se declararam brancos, 15,6% pretos, 52,3% pardos, 1,7% amarelos e 2,6% indígenas.

Desconsiderando o recorte de renda, o percentual de chefes de domicílio que declaram não saber ler e escrever foi de 13,5%. Já quando comparamos o grupo classificado como pobre com aqueles não pobres notamos que o percentual de chefes que não sabem ler e escrever no primeiro grupo (pobres) é 25,1% enquanto no segundo é 11,7% (Tabela 4).

Em relação à situação de ocupação nos últimos 7 dias (Tabela 5), é possível notar que, do conjunto de chefes de domicílios, 51,6% trabalharam na última semana, entre os pobres esse percentual é menor: 47,6% enquanto no grupo de não pobres esse valor era de 52,6%.

Considerando o conjunto dos chefes, a renda domiciliar *per capita* mensal média era R\$ 573,83, entre os pobres essa média era de R\$77,13, já para o grupo classificado como não pobre esse valor era de R\$669,38.

Tabela 4- Chefe do domicílio sabe ler e escrever?

		N	%
Não pobres	1 Sim	5383	88,3
	2 Não	715	11,7
	Total	6098	100
Pobres	1 Sim	879	74,9
	2 Não	294	25,1
	Total	1173	100
Total	1 Sim	6963	86,5
	2 Não	1085	13,5
	Total	8048	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Tabela 5- Trabalhou nos últimos 7 dias?

	Não pobres		Pobres		Total	
	N	%	N	%	N	%
1 Sim	3210	52,6	558	47,6	4156	51,6
2 Não	2367	38,8	366	31,2	3036	37,7
Total	5577	91,5	924	78,8	7192	89,4
Dados ausentes	521	8,5	249	21,2	856	10,6
Total	6098	100	1173	100	8048	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Tabela 6- Renda domiciliar *per capita*-mensal

	Não pobres	Pobres	Total
N	6098	1173	7271
Média	669,38	77,13	573,83
Mediana	400	83	320
Moda	415	100	415
Desvio padrão	1079,81	29,18	1012,65
Mínimo	124,5	8,33	8,33
Máximo	25000	123,75	25000

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Vergonha de renda

Os chefes de domicílio foram questionados acerca da avaliação da sua renda sendo convidados a dizer se concordavam ou discordavam da seguinte afirmativa: “**Tenho vergonha da minha renda**”. Do total de entrevistados, 14,4% disseram concordar totalmente com essa afirmação, 15,7% declararam concordar em parte enquanto 19,1% discordaram em parte e 50,8% discordaram totalmente. Considerando apenas os chefes de domicílios pobres, ou seja, aqueles cuja renda domiciliar *per capita* era inferior a R\$ 123,80 é possível perceber que o percentual daqueles que concordaram ter vergonha da sua renda aumenta. Dentre esses, 23,7% concordam totalmente, 17,9% em parte, já 18,3% discordaram em parte e 40,1% totalmente.

Entre aqueles chefes de domicílio classificados como não pobres 12,8% concordaram totalmente, 15,0% concordou em parte, 19,1% discordaram em parte e 53,1% discordaram totalmente.

Tabela 7- Tenho vergonha da minha renda- chefes de domicílio

	Não pobres			Pobres			Total		
	N	%	% válido	N	%	% válido	N	%	% válido
Concorda totalmente	778	12,8	12,8	276	23,5	23,7	1155	14,4	14,4
Concorda em parte	914	15	15	209	17,8	17,9	1259	15,6	15,7
Discorda em parte	1160	19	19,1	213	18,2	18,3	1531	19	19,1
Discorda totalmente	3224	52,9	53,1	467	39,8	40,1	4069	50,6	50,8
Total	6076	99,6	100	1165	99,3	100	8014	99,6	100
Não tem renda no momento	10	0,2		1	0,1		14	0,2	
Não opinou	12	0,2		7	0,6		20	0,2	
Total	6098	100		1173	100		8048	100	

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Experiência de tratamento desrespeitoso

Os entrevistados foram questionados quanto a sua experiência de tratamento desrespeitoso na vida diária sendo indagados quanto à frequência com que isso acontece. Como explicitado anteriormente, toda essa bateria de questões que investigam a frequência dessas situações serão tratadas através de análise fatorial a ser apresentada em seguida. Inicialmente apresentaremos a frequência de cada uma dessas questões comparando as respostas dos chefes de domicílios não pobres com aqueles pobres.

Observando as informações apresentadas na tabela 8 é possível perceber que no grupo dos chefes de domicílios pobres o percentual dos que afirmam sempre ser tratado com menos gentileza (6,4%) é maior do que no grupo de não pobres (4,2%), como esperado, nesse último grupo o percentual de respostas “nunca” (60,0%) é maior do que no primeiro grupo (54,6%).

Outra experiência investigada pela PDSO refere-se ao respeito. Assim como observado na tabela anterior, a tabela 9 mostra que ser tratado com menos respeito é mais frequente para o grupo de chefes de domicílio pobres do que aqueles não pobres. É possível perceber que o percentual acumulado

das categorias sempre, quase sempre e às vezes para o grupo de não pobres é 35,6%, já para o grupo de pobres é 47,3%.

Tabela 8- Tratada (a) com menos gentileza do que outras pessoas

	Não pobres		Pobres	
	N	%	N	%
Sempre	254	4,2	75	6,4
Quase sempre	313	5,1	66	5,6
Às vezes	1295	21,2	291	24,8
Quase nunca	536	8,8	82	7
Nunca	3659	60	641	54,6
Total	6057	99,3	1155	98,5
Não sabe/ Não opinou	41	0,7	18	1,5
Total	6098	100	1173	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Ambientes de consumo tais como supermercado, lojas de roupas, restaurantes e etc. são espaços em que os indivíduos podem se sentir discriminados. Desse modo, investigou-se também a frequência com que os entrevistados se sentiram não tão bem atendidos em lojas e restaurantes e assim como nas questões anteriores, a presença dessa sensação é mais frequente entre os pobres do que entre aqueles não pobres. Esse padrão se repete para todas as questões dessa bateria que ainda não foram apresentadas aqui, a saber: as pessoas agem como se tivesse medo de você; as pessoas agem como se você fosse desonesto; como se elas fossem melhores que você; os porteiros de edifícios o (a) tratam de maneira suspeita; sente que é vigiado (a) ou seguido (a) em lojas e sente que é tratado (a) com menos respeito pela polícia.

Tabela 9- Tratado (a) com menos respeito do que outras pessoas

	Não pobres		Pobres	
	N	%	N	%
Sempre	182	3	53	4,5
Quase sempre	236	3,9	68	5,8
As vezes	1139	18,7	252	21,5
Quase nunca	483	7,9	79	6,7
Nunca	4020	65,9	705	60,1
Total	6060	99,4	1157	98,6
Não sabe/ Não opinou	38	0,6	16	1,4
Total	6098	100	1173	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Tabela 10- Sente que não é tão bem atendido (a) em lojas e restaurantes como outras pessoas

	Não pobres		Pobres	
	N	%	N	%
Sempre	269	4,4	64	5,5
Quase sempre	244	4	60	5,1
As vezes	1056	17,3	238	20,3
Quase nunca	416	6,8	67	5,7
Nunca	4060	66,6	717	61,1
Total	6045	99,1	1146	97,7
Não sabe/ Não opinou	53	0,9	27	2,3
Total	6098	100	1173	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Fator experiência de tratamento desrespeitoso

Como se pode perceber, a bateria que investiga a experiência de tratamento desrespeitoso é extensa e cobre uma ampla gama de situações do dia a dia dos indivíduos que podem caracterizar se ele recebe um tratamento diferente de outros, sendo essa diferença uma forma negativa. Para sintetizar esse conjunto de experiências foi desenvolvido um fator que aglutina todas essas dimensões.

A tabela 11 apresenta a matriz de correlação entre as variáveis utilizadas na análise fatorial. É possível perceber que todas as correlações são maiores do que 0,4 o que indica que todas as variáveis são importantes para a composição do fator experiência do tratamento desrespeitoso.

O teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) varia entre 0 e 1. Quanto mais perto de 1, melhor o resultado do teste. Friel (2009) sugere uma escala para que possamos interpretar de maneira adequada o valor dado pela estatística KMO. Segundo o autor, valores entre 0,90 e 1 são excelentes; entre 0,80 e 0,89 são considerados bons, já entre 0,70 e 0,79 interpreta-se como mediano, entre 0,60 e 0,69 é medíocre, entre 0,50 e 0,59 interpreta-se como ruim, já entre 0 e 0,49 considera-se inadequado.

Assim, é possível perceber pela observação da Tabela 12, que sumariza os testes de adequação da amostra, que o valor de KMO é 0.921 , ou seja, excelente. Nota-se que o teste de BTS é estatisticamente significativo ($p < 0.000$). Nesse sentido, os testes indicam que os dados são adequados à análise fatorial. Analisando o gráfico 1 é possível perceber a dispersão dos componentes no Scree Test.

Tabela 11-Matriz de correlações

	P90101	P90102	P90103	P90104	P90105	P90106	P90107	P90108	P90109
P90101	1								
P90102	0.7758	1							
P90103	0.6035	0.6182	1						
P90104	0.5065	0.5499	0.5664	1					
P90105	0.5284	0.5664	0.5529	0.7132	1				
P90106	0.6022	0.5870	0.5824	0.5215	0.5943	1			
P90107	0.4745	0.4935	0.5221	0.6172	0.6486	0.5695	1		
P90108	0.4780	0.4909	0.5073	0.5671	0.5968	0.5533	0.6944	1	
P90109	0.4290	0.4542	0.4617	0.5390	0.5592	0.4878	0.6092	0.6004	1

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Legenda:

P90101-Você sente que é tratado(a) com **menos gentileza do que outras pessoas**;

P90102-Você sente que é tratado(a) com **menos respeito do que outras pessoas**;

P90103-Você sente que **não é tão bem atendido(a) em lojas e restaurantes como outras pessoas**;

P90104-Você sente que as pessoas **agem como se tivessem medo de você**;

P90105-Você sente que as pessoas **agem como se você fosse desonesto**;

P90106-Você sente que as pessoas **agem como se elas fossem melhores que você**;

P90107-sente que os **porteiros de edifícios o(a) tratam de maneira suspeita**;

P90108-Você sente que é **vigiado(a) ou seguido(a) em lojas**;

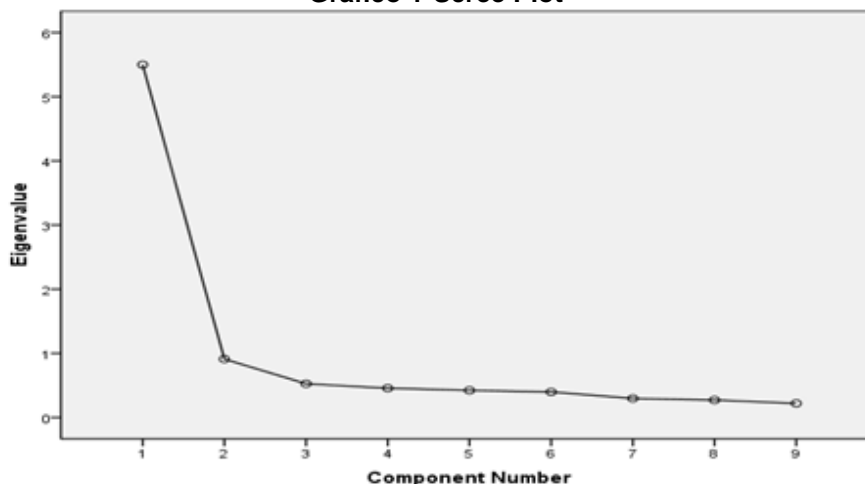
P90109-Você sente que é **tratado (a) com menos respeito pela polícia**;

Tabela 12- Testes de adequação da amostra

Teste	Valor observado
KMO	0.921
BTS	43551,35
gl	36
sig	0.000

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Gráfico 1-Scree Plot



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Na análise fatorial realizada aqui, o menor valor de comunalidade é 0,528 e o maior é 0,676 das variáveis P90109 e P90105 respectivamente. Isso significa que o fator extraído explica 52,8% da variação de P90109 (sente que é tratado (a) com menos respeito pela polícia) e 67,6% da variação de P90105

(sente que as pessoas agem como se você fosse desonesto). Todas as variáveis utilizadas no fator apresentam valores do coeficiente de alfa de Cronbach superiores a 0,90 , já o fator experiência do tratamento desrespeitoso apresenta alfa de Cronbach de 0,9186 o que indica confiabilidade pelo método de consistência interna.

Tabela 13-Eigenvalues e variância acumulada

Componente	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings		
	Total	% variância	% acumulado	Total	% variância	% acumulado
1	5,499	61,101	61,101	5,499	61,101	61,101
2	0,911	10,118	71,22			
3	0,526	5,843	77,063			
4	0,456	5,068	82,131			
5	0,423	4,697	86,828			
6	0,397	4,416	91,244			
7	0,296	3,293	94,537			
8	0,272	3,021	97,558			
9	0,22	2,442	100			

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Na análise fatorial realizada aqui, o menor valor de comunalidade é 0,528 e o maior é 0, 676 das variáveis P90109 e P90105 respectivamente. Isso significa que o fator extraído explica 52,8% da variação de P90109 (sente que é tratado (a) com menos respeito pela polícia) e 67,6% da variação de P90105 (sente que as pessoas agem como se você fosse desonesto). Todas as variáveis utilizadas no fator apresentam valores do coeficiente de alfa de Cronbach superiores a 0,90 , já o fator experiência do tratamento desrespeitoso apresenta alfa de Cronbach de 0,9186 o que indica confiabilidade pelo método de consistência interna.

Tabela 14-Comunalidades

	Initial	Extraction
P90101	1,000	0,587
P90102	1,000	0,619
P90103	1,000	0,591
P90104	1,000	0,633
P90105	1,000	0,676
P90106	1,000	0,611
P90107	1,000	0,643
P90108	1,000	0,609
P90109	1,000	0,528

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Legenda: idem Tabela 11.

Vergonha de renda e experiência de tratamento desrespeitoso

A tabela 15 apresenta a média dos escores do fator experiência de tratamento desrespeitoso comparando esses valores para aqueles que não declararam vergonha da renda e aqueles que declararam. As médias do fator experiência de tratamento desrespeitoso para os dois grupos são estatisticamente diferentes com 95% de confiança.

É importante observar que, a média do fator experiência de tratamento desrespeitoso grupo que não declarou vergonha de renda é positiva, diferente do outro grupo cuja média do fator é negativa. Para compreender o significado dessa diferença de sinal nos valores é importante recuperar a escala original das variáveis que deram origem ao fator. Todas as variáveis que o compuseram poderiam assumir os seguintes valores: 1-Sempre; 2-Quase sempre; 3-As vezes; 4-Quase nunca e 5-Nunca. Desse modo quanto maior o escore do fator menor a experiência de tratamento desrespeitoso.

Tabela 15- Comparação dos escores do fator experiência de tratamento desrespeitoso por declaração de vergonha da renda (Teste T)

Two-sample t test with equal variances

Group	Obs	Mean	Std. Err.	Std. Dev.	[95% Conf. Interval]	
Não declaram	5393	.0972645	.0116833	.8579857	.0743606	.1201685
Declaram	2311	-.2324284	.023692	1.138944	-.2788882	-.1859685
Combined	7704	-.0016348	.0109701	.9628721	-.0231392	.0198696
diff		.3296929	.0236443		.2833437	.3760421
diff = mean(Não declaram) - mean(Declaram)				t =	13.9439	
Ho: diff = 0		degrees of freedom = 7702				
Ha: diff < 0	Ha: diff != 0	Ha: diff > 0				
Pr(T < t) = 1.0000	Pr(T > t) = 0.0000	Pr(T > t) = 0.0000				

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

A tabela 16 apresenta a média dos escores do fator experiência de tratamento desrespeitoso comparando esses valores para o grupo classificado como pobres e não pobres e, entre esses, aqueles que declararam e não declararam vergonha da renda. Observando a média do fator nesses grupos é

possível perceber que a única média positiva é aquela do grupo categorizado como não pobre e que não declarou vergonha da renda (0,121763) para os demais grupos essa média é negativa.

Tabela 16- Comparação dos escores do fator experiência de tratamento desrespeitoso por condição de renda e vergonha da renda (Teste T)

Não pobres

Two-sample t test with equal variances						
Group	Obs	Mean	Std. Err.	Std. Dev.	[95% Conf. Interval]	
Não decl	4234	.121763	.0126191	.8211167	.0970229	.1465031
Declaram	1629	-.2369771	.0277838	1.12138	-.2914729	-.1824812
Combined	5863	.0220892	.0121248	.9284006	-.0016799	.0458583
diff	.3587401	.0266619		.306473	.4110071	
diff = mean(Não decl) - mean(Declaram)				t = 13.4552		
Ho: diff = 0				degrees of freedom = 5861		
Ha: diff < 0		Ha: diff != 0		Ha: diff > 0		
Pr(T < t) = 1.0000		Pr(T > t) = 0.0000		Pr(T > t) = 0.0000		

Pobres

Two-sample t test with equal variances						
Group	Obs	Mean	Std. Err.	Std. Dev.	[95% Conf. Interval]	
Não decl	646	-.0719422	.0410631	1.043682	-.1525757	.0086913
Declaram	455	-.2783955	.0550967	1.175252	-.3866717	-.1701194
Combined	1101	-.1572612	.0332759	1.104138	-.2225526	-.0919699
diff	.2064533	.0673197		.0743637	.338543	
diff = mean(Não decl) - mean(Declaram)				t = 3.0668		
Ho: diff = 0				degrees of freedom = 1099		
Ha: diff < 0		Ha: diff != 0		Ha: diff > 0		
Pr(T < t) = 0.9989		Pr(T > t) = 0.0022		Pr(T > t) = 0.0011		

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Pobreza, vergonha, origem da renda

Analisando o total de indivíduos que declararam ter vergonha de renda (2.177) (Tabela 17) é possível perceber que, 77,72% desses estão categorizados como não pobres (renda domiciliar *per capita* igual ou maior a R\$123,80) e 22,28% como pobres. Entre os não-pobres (6.076), 72,15%

declararam não ter vergonha da renda e 27, 85% declararam ter vergonha da renda. Já entre os pobres (1.165), 58,37% declararam não ter vergonha da renda e 41,63% afirmaram ter vergonha da renda.

Tabela 17-Cruzamento: vergonha de renda entre não pobres e pobres

Renda	Vergonha da renda		
	Não declaram	Declararam	Total
Não pobres	4.384	1.692	6.076
	72, 15	27,85	100
	86,57	77,72	83,91
	680	484	1.165
Pobres	58,37	41,63	100
	13,43	22,28	16,09
	5.064	2.177	7.241
	Total	69,94	30,06
	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

A Tabela 18 apresenta as informações de vergonha da renda entre os pobres e não pobres, mas apenas para aqueles indivíduos que o maior rendimento advém do trabalho. Para esses, entre os não pobres 74,83% declaram não ter vergonha da sua renda, já 25,17% afirmaram ter vergonha da renda. Já entre os pobres 60,74% não declararam vergonha da renda enquanto 39,26% declararam.

Tabela 18-Cruzamento: vergonha de renda entre não pobres e pobres-origem da maior renda=trabalho

Renda	Vergonha da renda		
	Não declaram	Declararam	Total
Não pobres	2.146	722	2.868
	74,83	25,17	100
	87,24	78,05	83,91
	314	203	517
Pobres	60,74	39,26	100
	12,76	21,95	15,27
	2.460	925	3.385
	Total	72,67	27,33
	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Antes de analisarmos os percentuais expressos na Tabela 19 é importante destacar que o número de casos de indivíduos cuja origem da maior renda é oriunda de rendimentos provenientes de dividendos ou venda de ações, rendimentos de poupança, prazo fixo, commodities, etc e de aluguel é bastante reduzido, esse número é ainda menor no conjunto de pessoas que

foram categorizadas como pobres. Desse modo, é importante ter parcimônia ao analisar tais percentuais.

Tendo isso em mente, do conjunto de indivíduos que a origem do maior rendimento são dividendos ou venda de ações, rendimentos de poupança, prazo fixo, commodities, etc e aluguel 70,59% afirmaram não ter vergonha da sua renda e 29,41% declararam ter vergonha as sua renda.

O número de indivíduos cuja maior renda é proveniente de doações, mesadas, bens ou presentes (Tabela 20) é também pequeno na nossa base de dados (146) no grupo categorizado como pobres esse número é ainda menor (22). Do total de indivíduos cuja maior renda é proveniente de doações, mesadas, bens ou presentes que declararam ter vergonha da sua renda, 80,39% estão no grupo de não pobres e 19,61% no grupo de pobres.

Tabela 19-Cruzamento: vergonha de renda entre não pobres e pobres-origem da maior renda= rendimentos provenientes de dividendos ou venda de ações, rendimentos de poupança, prazo fixo, commodities, etc e aluguel

Renda	Vergonha da renda		Total
	Não declaram	Declararam	
Não pobres	58	21	79
	73,42	26,58	100
	96,67	84	92,94
Pobres	2	4	6
	33,33	66,67	100
	3,33	16	7,06
Total	60	25	85
	70,59	29,41	100
	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Tabela 20-Cruzamento: vergonha de renda entre não pobres e pobres-origem da maior renda= doação, mesada, bens ou presentes.

Renda	Vergonha da renda		Total
	Não declaram	Declararam	
Não pobres	83	41	125
	66,94	33,06	100
	87,37	80,39	84,93
Pobres	12	10	22
	54,55	45,45	100
	12,63	19,61	15,07
Total	95	51	146
	65,07	34,93	100
	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

A tabela 21 apresenta informações daqueles cuja origem da maior renda é a aposentadoria. Do conjunto desses indivíduos (2.231), 69,88% afirmaram não ter vergonha da renda enquanto 30,12% declararam ter vergonha da renda. Entre os aposentados categorizados como pobres, 58,55% declararam não ter vergonha da renda, já 41,45% afirmaram ter vergonha da renda.

Tabela 21-Cruzamento: vergonha de renda entre não pobres e pobres-origem da maior renda= aposentadoria

Renda	Vergonha da renda		
	Não declaram	Declararam	Total
Não pobres	1.446	592	2.038
	70,95	29,05	100
	92,75	88,1	91,35
	113	80	193
Pobres	58,55	41,45	100
	7,25	11,9	8,65
	1.559	672	2.231
Total	69,88	30,12	100
	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Na tabela 22 podemos observar a avaliação de renda daqueles que a pensão alimentícia é à fonte da maior renda, entre esses, 66,67% afirmaram não ter vergonha da renda, já 32,64% declararam ter vergonha da renda. Entre aqueles chefes de domicílio categorizados como pobres, 58,73% declararam não ter vergonha da sua renda enquanto 41,27% afirmam ter esse sentimento.

Tabela 22-Cruzamento: vergonha de renda entre não pobres e pobres-origem da maior renda= pensão alimentícia

Renda	Vergonha da renda		
	Não declaram	Declararam	Total
Não pobres	124	52	176
	70,45	29,55	100
	77,02	66,67	73,64
	37	26	63
Pobres	58,73	41,27	100
	22,98	33,33	26,36
	161	78	239
Total	67,36	32,64	100
	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Conveniente destacar que, a Tabela 23, apresenta um padrão diferente do que vimos nas tabelas anteriores. Os dados da tabela 23 apresentam

informações daqueles indivíduos cuja maior renda é oriunda de outras fontes tais como abono de permanência, seguro de vida, indenizações, dívidas trabalhistas, jogos e loterias, bolsa família, etc. Podemos perceber que entre todos aqueles que declararam ter vergonha da renda, o percentual de não pobres (29,63%) é menor do que o de pobres (70,37%).

É importante esclarecer que a forma como a variável que capta essa informação na Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade não permite separar rendimentos oriundos exclusivamente do Bolsa Família o que impossibilita afirmar que nessa categoria estão incluídos apenas beneficiários e desse modo fazer afirmações que se dediquem a associar a declaração de vergonha da renda com o fato de ser ou não beneficiários de políticas sociais.

Tabela 23-Cruzamento: vergonha de renda entre não pobres e pobres-origem da maior renda= outras como abono de permanência, seguro de vida, indenizações, dívidas trabalhistas, jogos e loterias, bolsa família,etc.

Renda	Vergonha da renda		
	Não declaram	Declararam	Total
Não pobres	78	32	110
	70,91	29,09	100
	47,85	29,63	40,59
Pobres	85	76	161
	52,8	47,2	100
	52,15	70,37	59,41
Total	163	108	271
	60,15	39,85	100
	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Diante dessas diferenças quanto à declaração de vergonha da renda entre os indivíduos de distintas origens da maior renda e entre os categorizados como pobres e não pobres emerge a importância de analisar essas informações de maneira mais específica. Entre aqueles indivíduos categorizados como pobres, 41,48% declararam ter vergonha da sua renda enquanto que, entre os classificados como não pobres, esse percentual era de 27,06%.

Do conjunto daqueles considerados pobres e que declararam ter vergonha da sua renda, 50,88% tinham o trabalho como fonte do maior rendimento, para 20,05% a principal fonte era a aposentadoria e 19,05% outras fontes tais como abono permanência, seguro de vida etc. Já no grupo de indivíduos categorizados como não pobres e que declararam vergonha da renda, 49,45% tem o trabalho como fonte do maior rendimento, para 40,55%

essa renda advém da aposentadoria e para 3,56% a fonte era pensão alimentícia.

A tabela 25 apresenta o cruzamento entre a avaliação da satisfação com a vida e a avaliação da renda dos indivíduos comparando as informações de todos, com o grupo de não pobres e pobres. Observando as informações da tabela é possível perceber que em todos os grupos o percentual de indivíduos que se sentem felizes é bem superior do que aqueles que sentem infelizes. Centrando a nossa atenção naqueles que declaram ter vergonha da renda é possível perceber que o maior percentual dos que avaliam a sua vida como infeliz é encontrado no grupo dos categorizados como pobres e que declararam vergonha da renda (10,00%) e o menor percentual pode ser visto no grupo classificado como não pobres entre aqueles que não declararam vergonha da renda (4,04%).

Tabela 24-Vergonha da renda por origem do maior rendimento-não pobres e pobres

Origem do maior rendimento	Não pobres			Pobres		
	Vergonha da renda			Vergonha da renda		
	Não declaram	Declaram	Total	Não declaram	Declaram	Total
Ações e imóveis	56	21	79	2	4	6
	73,42	26,52	100	33,33	66,67	100
	1,47	1,44	11,46	0,36	1	0,62
	2.146	722	2.868	314	203	517
Trabalho	74,83	25,17	100	60,74	39,26	100
	54,54	49,45	53,16	55,77	50,88	53,74
	1.446	592	2.038	113	80	193
Aposentadoria	70,95	29,05	100	58,55	41,45	100
	36,75	40,55	37,78	20,07	20,05	20,06
	124	52	176	37	26	63
Pensão alimentícia	70,45	29,55	100	58,73	41,27	100
	3,15	3,56	3,26	6,57	6,52	6,55
	83	41	124	12	10	22
Doação, mesadas, bens e presentes	66,94	33,06	100	54,55	45,45	100
	2,11	2,81	2,3	2,13	2,51	2,29
	78	32	110	85	76	161
Outros como abono permanência, seguro de vida etc	70,91	29,09	100	52,8	47,2	100
	1,98	2,19	2,04	15,1	19,05	16,74
	3.935	1.460	5.395	563	399	962
Total	72,94	27,06	100	58,52	41,48	100
	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Tabela 25-Vergonha da renda e satisfação com a vida

Satisfação com a vida	Todos			Não pobres			Não pobres		
	Vergonha da renda			Vergonha da renda			Vergonha da renda		
	Não declaram	Declaram	Total	Não declaram	Declaram	Total	Não declaram	Declaram	Total
Infeliz (um pouco, muito ou extremamente)	229	173	402	160	108	268	41	43	84
	56,97	43,03	100	59,7	40,3	100	48,81	51,19	100
	4,57	8,21	5,65			4,93			8,3
Feliz (extremamente, muito ou um pouco)	4.778	1.935	6.713	3.798	1.368	5.166	541	387	928
	71,18	28,82	100	73,52	26,48	100	58,3	41,7	100
	95,43	91,79	94,35	95,96	92,68	95,07	92,96	90,00	91,7
Total	5.007	2.108	7.115	3.958	1.476	5.434	582	430	1.012
	70,37	29,63	100	72,84	27,16	100	57,51	42,49	100
	100,00	100,00	100,0	100,00	100,00	100,0	100,00	100,00	100,0
			0			0			0

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pesquisa Dimensões Sociais da Desigualdade

Discussão

Conveniente destacar que, os resultados apresentados aqui são preliminares e não permitem confirmar ou refutar as hipóteses colocadas por esse estudo, mas apontam pistas explicativas nesse sentido.

Os resultados do fator experiência de tratamento desrespeitoso quando comparamos o grupo de pobres e não pobres parece indicar que o primeiro grupo é afetado de maneira mais frequente por essa experiência do que o segundo. A análise que considera a dimensão vergonha da renda aponta que, quando comparamos o grupo de pobres com o de não pobres, a proporção de indivíduos pobres que declararam ter vergonha da renda é superior (41,63%) a de não pobres: 27,85% (Tabela 17).

Os dados apresentados apontam para a importância de lançar o olhar sobre a origem da renda como um fator relevante para compreendermos o processo de vergonha da renda. Os resultados indicam também que outro elemento nesse processo é a percepção de satisfação com a vida. A renda e a avaliação que se faz da renda parecem ser importantes para a percepção do indivíduo acerca da satisfação com a vida.

Referências bibliográficas

Barkow JH (1989) Darwin, Sex and Status: Biological Approaches to Mind and Culture. Toronto: University of Toronto Press.

Bernstein B (1990) The Structuring of Pedagogic Discourse. London: Routledge.

Butler J (1990) Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge.

Bronzo, Carla. Programas de proteção social e superação da pobreza: concepções e estratégias de intervenção. Tese de Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. 2005.

Foucault M (1975) Abnormal: Lectures at the College de France 1974–1975. London: Verso.

Foucault M (2001) Fearless Speech. Los Angeles: Semiotext(e).

Gilbert P (1998) 'What is Shame? Some Core Issues and Controversies', pp. 3–38 in P Gilbert and B Andrews (eds) Shame: Interpersonal Behavior, Psychopathology and Culture. New York: Oxford University Press.

Gilbert P (2000) 'The Relationship of Shame, Social Anxiety and Depression: The Role of the Evaluation of Social Rank', Clinical Psychology and Psychotherapy 7: 174–189.

Goffman, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

Gray KA (2005) 'Pride, Prejudice, and a Dose of Shame: The Meaning of Public Assistance', AFFILIA 20(3): 329–343.

Hair, Jr; Black, W. C; Babin, B. J; Anderson, R. E e Tatham, R. L. Multivariate Data Analysis. 6ª edição. Upper Saddle River, NJ: Pearson Prentice Hall, 2006.

Howard, Rhoda E. 1995. Human Rights and the Search for Community. Boulder, CO: Westview.

King, G. How not to lie with statistics [Online] Disponível em: <<http://gking.harvard.edu/files/mist.pdf>> Acesso em: [22 jan. 2010].

Lister R (2004) Poverty. Cambridge: Polity Press.

Moraes, Odair B. de; Abiko, Alex K. Utilização da análise fatorial para a identificação de estruturas de interdependência de variáveis em estudos de avaliação pós-ocupação. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 11., 2006, Florianópolis/SC. Anais. Florianópolis: ANTAC, 2006.

Sen, Amartya. Social exclusion: concept, application and scrutiny. Social Development Papers, 1. Asian Development Bank, Philippines, 2000.

Simmel, Georg. El Pobre. In: Sobre la individualidad y las formas sociales. Quilmes: 2002.

Walker, R. The shame of Poverty. Oxford: Oxford University Press, 2014.

Wilkinson R and Pickett K (2010) The Spirit Level: Why Equality is Better for Everyone. New York: Penguin Books.